



*rovesci nell'ignoranza, egli fa sé regola dell'universo*³ A mente humana, quando se conduz na incompreensão, faz de si mesma a regra universalizante a respeito de tudo que desconhece. Assim, o homem, segundo Vico, deixa de procurar a verdadeira verdade, passando a forjá-la conforme a sua particular visão de mundo, a qual quase sempre é parcial e caracteriza-se como um ponto de vista específico do mundo e dos homens. Não possuindo, deste modo, o caráter rígido e universalista das verdades lógicas e matemáticas.

Daí, a posição inovadora de Vico, segundo a qual torna-se necessário analisar filosoficamente não apenas os aspectos inerentes à razão, mas também, àqueles que tratam do arbítrio humano, ou seja, das vontades nem sempre lógicas e intrinsecamente inerentes ao sujeito. Haja vista, o arbítrio humano é considerado por Vico, como bastante incerto, devido à sua própria natureza, a qual consolida-se e se determina pelo senso comum dos homens, no que concerne às suas necessidades e utilidades, e, não em esquematismos lógicos, como queria Descartes. Por essa razão, o filósofo italiano afirma: *Le tradizioni volgari devono avere avuto pubblici motivi di vero, onde nacquero e si conservarono da intieri popoli per lunghi spazi di temp⁴*. Nesse contexto, o senso comum é um juízo despido de qualquer reflexão, o qual é freqüentemente experimentado pela totalidade do gênero humano. Essa é razão pela qual Vico insiste em tratar o estudo do homem como objeto da ciência. Analisado-o tal qual ele se apresenta no mundo, refletindo acerca dos seus juízos, atitudes, desejos, etc.

Retomando, um aspecto relativo ao anticartesianismo viquiano, e central para o seu projeto filosófico, o qual refere-se à questão da verdade. Para Descartes, a verdade somente é possível pela via das idéias claras e distintas. Segundo Vico, esta tese também é insuficiente para uma sólida fundamentação da questão da verdade. Posto que o argumento cartesiano não permite superar o ceticismo. O pensador italiano, neste momento, toca na questão da percepção subjetiva do sujeito, pois, dada a relatividade nas percepções, o que é claro e distinto a um observador qualquer, poderá muito bem ser menos, ou até insuficiente para fins cognoscitivos para um outro observador. Em suma, para Vico, nunca conseguiríamos alcançar uma verdade clara e distinta que consiga abarcar a totalidade do gênero humano.

Mais ainda, Descartes tinha a pretensão de reduzir todo o conhecimento a um princípio universal, a saber, a evidência racional. Vico considera tal pretensão impossível. Para o filósofo italiano, só se conhece verdadeiramente uma coisa quando pode-se explicá-la. Logo, poder-se-á demonstrá-la, daí o motivo pelo qual o critério de verdade para Vico é o *verum*⁵ e o *factum*⁶, onde se deduz que o conhecer e o fazer se identificam. Ele sustenta contra Descartes que a condição de conhecimento verdadeiro é o fato de que em certo sentido somos os produtores do que podemos conhecer, e de fato conhecemos, daí a inserção da história no contexto das reflexões filosóficas. Uma vez que, o homem ao fazer a sua história é incontrovertível que ele a conheça.

Assim, podemos deduzir que os homens, quando não sabem a verdade das coisas, procuram, segundo Vico, ater-se àquilo tido como o certo. Ou seja, não podendo, os homens, satisfazer o intelecto com a ciência, ao menos a vontade deve repousar sobre a consciência. Por isso, ele considera a filosofia como a ciência

cujo principal foco recai na *razão*, da qual procede a ciência do verdadeiro. Por outro lado, ao refutar o cartesianismo, neste ponto, ele abre caminho utilizando a filologia no sentido de inseri-la no seio das análises filosóficas. Cujas características principais são considerar a autoridade do *arbitrio humano - vontade*, do qual resulta a consciência do certo.

Deste modo, segundo Vico tanto os filósofos como os filólogos erraram, uma vez que, tanto os primeiros – filósofos – não deram valor à autoridade dos segundos, como os segundos – filólogos – não trataram com zelo suficiente à razão dos primeiros. Eis o motivo pelo qual, *gli uomini delle cose lontane e non conosciute non possono fare niuna idea, le stimano dalle cose loro conosciute e presenti*⁷. Por isso, torna-se imprescindível a união do saber filosófico com o filológico, no qual, o conhecimento no plano teórico estaria estreitamente ligado ao mundo prático. Por esta razão, os homens cometeriam menos erros ou até mesmo nenhum na avaliação das coisas antigas, remotas e inclusive nas presentes.

O desdobramento da teoria do *verum-factum* implica necessariamente na ampliação no campo das ciências, introduzindo a reflexão sobre o mundo social, inserindo-o numa problemática eminentemente científica. Segundo Vico, as manifestações humanas fundamentais como as línguas, a retórica, a poesia, a história e a prudência, não se fundam nas verdades geométricas⁸, mas somente no *verossímil*. A qual aponta para o verdadeiro sobre o homem; é uma verdade em permanente construção.

Por esta razão, Vico defende a validade do *certo* perante o *verdadeiro*. Nesse contexto, o verossímil é uma verdade problemática para os racionalistas. Uma vez que, ela situa-se efetivamente entre o falso e o verdadeiro. Segundo ele, uma vez mais contrapondo-se à Descartes, o apanágio dos filósofos, que estudam as manifestações subjetivas da mente humana, é o provável, assim como, o dos matemáticos é o verdadeiro. Ao querer inverter esta ordem e reconduzir a filosofia à verdade demonstrativa das matemáticas, abriu-se caminho à dúvida e à desordem. Haja vista, o mundo social e histórico, apesar da sua estrutura racional e ordenada, não podem ser analisados matematicamente. Pois, a lógica das humanidades não possui o mesmo aspecto e rigorismos que caracterizam as ciências da natureza. Todavia, convém ressaltar que Vico não está propondo um sistema caótico, sem princípios e método; sua postura caminha no sentido de romper com o cartesianismo, e conseqüentemente buscando uma nova solução para o problema da verdade.

Por outro lado, segundo o pensador italiano, o verdadeiro e o feito não se unem, posto que isto limitaria o conhecimento humano a estreitos horizontes. Aqui o filósofo italiano, evidentemente assenta sua convicção de que apenas a consciência de um resultado é insuficiente para supor conhecimento, se não somos também cognoscentes de suas origens causais. Daí a razão pela qual Vico, trata o *cogito cartesiano* como consciência, e não como ciência do ser. Deste modo, pode-se concluir, o pensamento é apenas um efeito ou um sinal e não a causa do fato de que “eu sou uma mente que pensa”. Em outras palavras, o cogito é um produto da consciência humana, ou seja, um psicologismo, e não um elemento que serve de base para justificar e fundamentar a ciência.

NOTAS

1. DESCARTES, René. *Discurso do Método*, p. 44-45.
2. Razão abstrata caracteriza-se por ser um produto acabado, não necessitando dos sentidos para conceber. Ao passo que, a razão concreta está intimamente ligada aos sentidos no processo cognitivo.
3. VICO, Giambattista. *Princìpi di Scienza Nuova*, p. 33; “O homem pela natureza ilimitada da mente humana, onde quer que esta refocile na ignorância, erige-se a si próprio como regra do universo”
4. *Ibid.*, p. 37; “As tradições populares devem ter tido motivos públicos de verdade, por isso nasceram e se conservaram por longos espaços de tempo para massas de povos em suas totalidades”
5. Verdadeiro.
6. Fato.
7. VICO, Giambattista. *Princìpi di Scienza Nuova*, p.33, “os homens sempre que das coisas remotas e desconhecidas não podem fazer nenhuma idéia, avaliam-nas a partir das coisas deles conhecidas e antevistas”
8. Enquanto método matematizado, amplamente aceito pelos modernos. Os quais, buscavam estabelecer as bases de um conhecimento a prova de erros e de caráter universal. O que, sem dúvida, é válido para as ciências físico-matemáticas, mas não para o estudo científico do homem – neste contexto o método físico-matemático seria um instrumental auxiliar e não um guia que conduziria todas as reflexões.